

# INFERNO

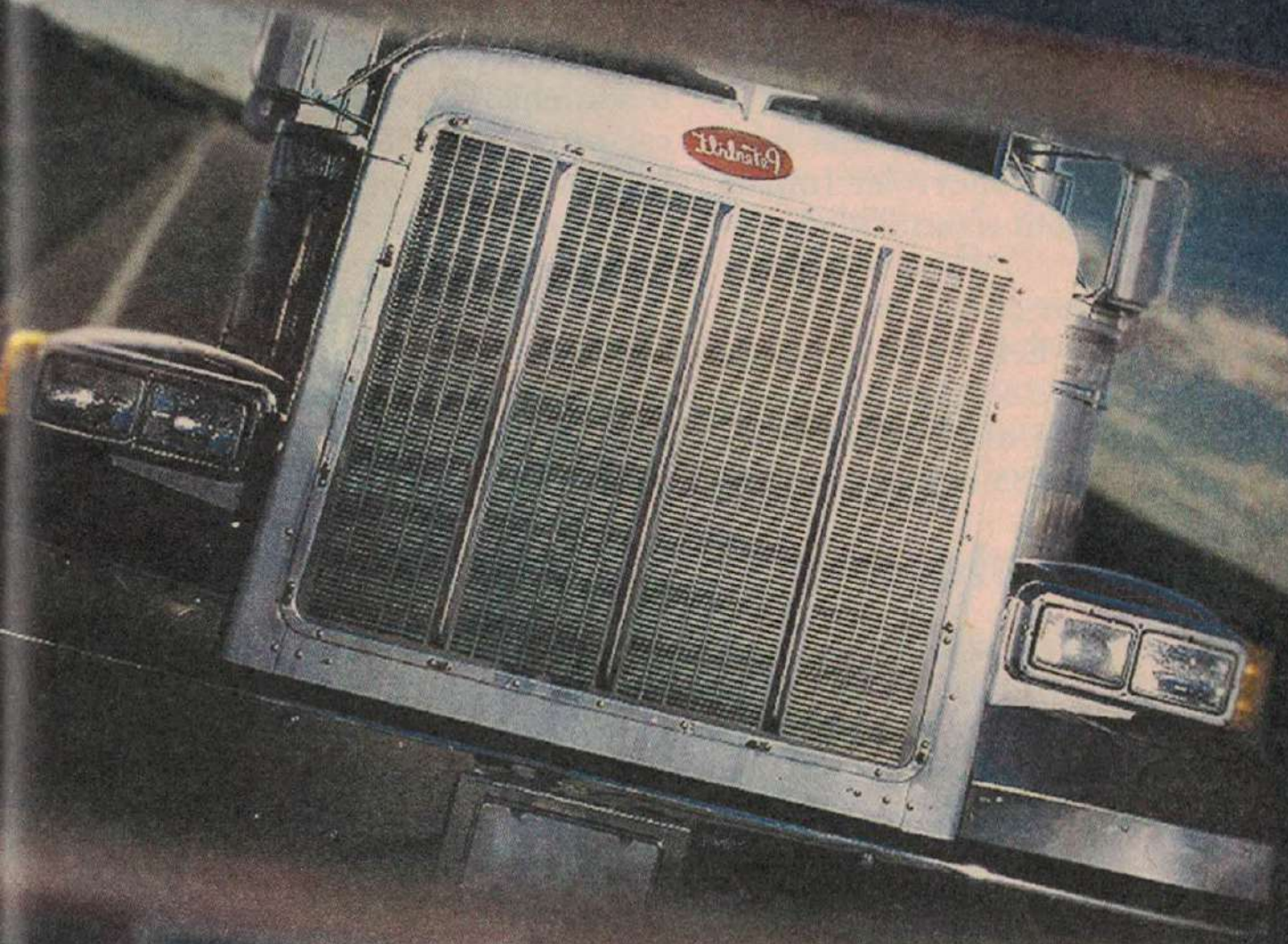


Por MALCOLM McCONNELL

**P**ARA MICHAEL ECK, 4 de agosto de 2000 era um dia normal. Naquela tarde, percorria o trajeto de mais de duas horas entre sua casa, em Baltimore, e East Petersburg, na Pensilvânia, onde trabalhava como operador de empilhadeira

# sobre rodas

**Uma história de violência no trânsito  
que você jamais esquecerá**



numa empresa de transporte em caminhões. Pai de família sossegado, Eck trabalhava à noite, o que lhe dava tempo para passar o dia com a mulher, Dawn, e a filha de 2 anos, Christina.

Havia 12 anos que, todos os dias úteis, Eck fazia o percurso de 120 quilômetros na Rodovia Interestadual 83. Sabia que o tráfego na hora do *rush* perto de York, Pensilvânia, estaria pesado naquela sexta-feira, pois as pessoas pegavam a estrada para passar o fim de semana fora. Mas até ali seu Chevrolet Impala verde seguia com tranqüilidade rumo ao norte.

Antes de começar a trabalhar com empilhadeiras, Eck, 44 anos, dirigia carretas por todo o país, e por isso tinha simpatia pelos caminhoneiros. A Interestadual 83 não oferecia aos

norte da Saída 3. À sua frente havia um caminhão Peterbilt de 18 rodas, seguido por vários automóveis. Quando se aproximava da base de uma subida íngreme, Eck viu que o caminhão, carregado com duas escavadeiras, era pesado demais para subir numa velocidade apropriada.

Apesar disso, o motorista não mudou para a faixa da direita, a fim de dar passagem aos veículos mais rápidos. Então Eck resolveu ultrapassar o caminhão pela direita, para não ficar preso no tráfego lento. Ligou o pisca-pisca, mudou de faixa, passou o caminhão, sinalizou novamente e voltou para a esquerda.

Subindo a encosta, Eck se viu obrigado a reduzir a velocidade ao se aproximar de um carro mais lento logo adiante. De repente, sentiu uma leve batida no pára-choque tra-

## Atrás dele, ouviu o rosnado do motor

motoristas, em especial aos que dirigiam carretas pesadas de 18 rodas, muita margem para erros em caso de acidente ou emergência. Os acostamentos eram apertados, dificultando a parada segura daqueles que tivessem algum problema. Uma pequena barreira de concreto dividia a estreita rodovia de quatro pistas. Encostas íngremes e rochosas se aproximavam das pistas que levavam ao norte, enquanto um despeñadeiro que ia dar num lago descia bruscamente no lado oposto.

Por volta de 14h50, Eck dirigia a 100 km/h na pista da esquerda, ao

seiro, o tipo de contato que pode ocorrer quando se manobra o carro para estacionar numa vaga muito apertada. Eck ergueu os olhos e viu a grade cromada do Peterbilt no espelho retrovisor.

FOI UMA COLISÃO pequena, mas talvez tivesse feito estragos. Eck e o caminhoneiro teriam de parar para avaliar os estragos. Era tudo que ele não queria. Se chegasse com mais de meia hora de atraso, o dia de trabalho seria descontado de seu pagamento.

Eck sabia que não havia espaço no acostamento da esquerda. Frus-

trado, olhou à direita, na esperança de que o trânsito diminuísse para que ele e o caminhoneiro pudessem parar. Entretanto, a faixa da direita estava cheia de carros.

Quando a pista ficou desimpedida, Eck esperou o Peterbilt avançar para a direita. Mas não era isso que o caminhão estava tentando fazer. O que estava pretendendo? Logo, Eck descobriu. Com um baque terrível, os dois pára-choques colidiram, o aço do caminhão contra o plástico do Impala. Eck ficou com a boca seca de pavor.

**C**OM A FORÇA do impacto, o banco de Eck correu no trilho, sacudindo-o como um boneco de pano. O motor morreu. Ele tentou virar o volante, que mal se mexeu. O servofreio também pa-

esquerda, Eck teclou 911 no telefone celular, um modelo com um microfone instalado perto do pára-sol do motorista. “Um Peterbilt bateu na traseira do meu carro três vezes na Interestadual 83”, informou ele, com a voz tensa de pânico. “Podem me ajudar?”

No quartel da Polícia Estadual da Pensilvânia, próximo à Saída 3, o oficial Vincent Brown pediu sua localização. Eck gritou: “Estou sendo literalmente empurrado!”

O policial Serell Ulrich estava no posto e ouviu o chamado urgente. “Eu cuido disso”, disse a Brown. Eram cerca de 14h55.

Ulrich entrou disparado na rodovia, na altura da Saída 3. Mais ao norte, a estrada estava congestionada com os carros que avançavam devagar, por causa da curiosidade dos

## quando o caminhão tornou a avançar.

rou de responder. *Ele está batendo em mim de propósito*, pensou Eck.

Atrás dele, pôde ouvir o ruído das reduções de marcha e o rosnado do motor *diesel* quando o caminhão avançou mais uma vez. Outro baque. Agora o enorme veículo empurrava o carro de Eck ladeira acima, como um jogador de hóquei impelindo o disco de borracha. Sem o motor, era quase impossível dirigir o Impala. E os pneus mais largos criavam resistência na estrada. Era como se o automóvel rodasse sobre concreto molhado.

Segurando o volante com a mão

motoristas pelo violento confronto entre os veículos. O trânsito nas duas faixas estava obstruído. Pelo seu relógio, o embate já durava mais de dez minutos. Será que o motorista resistiria?

MICHAEL ECK respirava com dificuldade, tentando manter o Impala na faixa da esquerda. O caminhoneiro continuava acelerando e batendo no pára-choque do automóvel. A cada vez o carro vibrava com o impacto. Eck sabia que não agüentaria o suplício durante muito mais tempo. “Onde está o policial?”, gritou ao telefone.

## Antes de ser esmagado, ele decidiu,

Com o velocímetro parado, estimou que estivessem a 65 km/h nos aclives e a 80 km/h nos trechos planos. Ao se aproximar da Saída 7, viu que seria impossível fugir. O tráfego à direita estava intenso demais para que mudasse de faixa. Com o volante emperrado e quase sem freio, a tarefa ficava ainda mais difícil.

No entanto, quando viu uma brecha na faixa da direita, Eck aproveitou a chance. Usando toda a força, virou o volante. O carro mudou de pista e Eck suspirou de alívio. Mas, com uma pontada de horror, observou o Peterbilt segui-lo e tornar a bater na traseira do automóvel com enorme violência.

Eck já havia perdido a conta das colisões. Com a voz estridente tomada pelo desespero, gritou para Brown, no outro lado da linha: "Ele me acertou de novo!"

Encurralado pelo tráfego, Ulrich por fim alcançou o estreito acostamento da esquerda. Com poucos centímetros de distância entre o carro e a barreira de concreto, seguiu para o norte. O incidente entre o motorista e o caminhoneiro já durava mais de 15 minutos.

**C**OM O PÁRA-CHOQUE do Peterbilt colado ao do Impala, o caminhoneiro começou a dar guinadas, lançando o carro para a frente e para trás. Na subida adiante, Eck viu outro caminhão

avanzando lentamente na pista da direita. Não era difícil imaginar o que aconteceria em seguida. O Peterbilt o empurrava em direção à traseira do veículo. A distância entre os dois caminhões e o Impala diminuía com rapidez.

*Vou morrer*, pensou Eck. Ele não podia se deixar esmagar. Mas como escapar? Olhou pelo retrovisor. Havia trânsito nas faixas da direita e de acesso; no entanto, a da esquerda estava vazia. Eck segurou a maçaneta. Antes de bater no caminhão, abriria a porta e se jogaria para fora.

O desespero da idéia tomou conta dele. Mesmo que sobrevivesse atingindo o chão a 65 km/h, o Peterbilt ainda poderia passar por cima dele. Mas ao menos havia uma chance de sobreviver ao pesadelo. Eck não tinha dúvida de que ficar no carro seria morte certa.

O caminhão à sua frente ia ficando maior. Os dedos de Eck se contraíram na maçaneta. Dez segundos, nove, oito... De repente, sua atenção se desviou para um fecho de luz passando rápido pela direita.

ULRICH SE LIVROU do tráfego e disparou pela rodovia. Ao avistar o caminhão e o Impala, ultrapassou os dois veículos e fez sinal para que encostassem. O caminhão freou, e o Impala também parou. Ulrich saiu do carro de patrulha. O motor do caminhão rosnava como uma fera lutando contra as amarras.

## abriria a porta e se jogaria para fora.

Ao se aproximar com cautela do Peterbilt, o policial viu que o motorista era um homem franzino e curvado, de 65 anos, com cabelo branco e ralo.

– O que está acontecendo? – perguntou Ulrich.

James Trimble tremia de ódio.

– Esse cara me cortou. – E, numa explosão de fúria, acrescentou: – Então bati no carro dele para que saísse do meu caminho.

Mais tarde, Ulrich calculou que Trimble havia empurrado Eck por quase 20 quilômetros. O acesso incontrolável de raiva ao volante durara mais de 20 minutos.

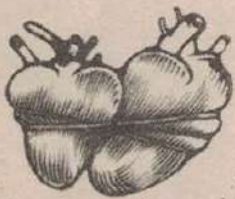
JAMES TRIMBLE FOI indiciado com duas acusações de agressão grave e diversas infrações de trânsito. O caminhoneiro se declarou culpado de uma das acusações de agressão e de seis denúncias menores, concordando

em se submeter a uma avaliação psicológica e perdendo definitivamente a carteira de motorista profissional.

Trimble não quis falar a Seleções. Durante o julgamento, porém, em março de 2001, alegou que Eck o cortara várias vezes e freara para forçá-lo a bater. Também afirmou que pedira ajuda pelo rádio e que não percebera que o carro de Michael Eck estava quebrado. Trimble foi condenado a quase dois anos de prisão.

Apesar do tormento físico e psicológico que sofreu, Eck deixou o trabalho com empilhadeiras e voltou a dirigir caminhões. “Sempre vejo motoristas guiando de forma que considero inadequada”, diz ele. “Mas nem sonharia em tentar fazer justiça com as próprias mãos, porque já revivi mil vezes o pesadelo que me aconteceu.”

### REFLEXÕES SOBRE O CASAMENTO



Antes: Camisa dentro da calça.

Depois: Barriga fora da calça.

Antes: Adoro suas curvas.

Depois: Eu nunca disse que você está gorda?

Antes: Venha para a cama. Estou esperando você.

Depois: Levante, seu molenga, que está na hora!

Antes: Os embalos de sábado à noite.

Depois: O futebol de domingo à noite.

Antes: Não acredito que tenhamos nos encontrado.

Depois: Não acredito que acabei ficando com você.

– PABLO MELLO, *Rio de Janeiro (RJ)*